

A educação popular como um saber de experiência

Débora Alves Feitosa¹

Resumo

Tomando como referência pesquisa realizada em uma unidade de separação de resíduos sólidos em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, na qual se descreve o cotidiano de um galpão de separação, identificando os saberes produzidos nas relações de trabalho e convivência entre as trabalhadoras, apresenta-se, neste artigo, uma discussão sobre educação popular compreendida enquanto saber de experiência. A investigação foi desenvolvida numa abordagem qualitativa, a partir da descrição do local e dos fatos observados, tendo o cotidiano como tecido social no qual se identificou um modo de agir enraizado no senso comum e a partir das ocorrências que afetam os sujeitos, sistematizando, assim, um saber de experiência, uma prática identificada como educação popular.

Palavras-chave

Educação Popular. Cotidiano. Experiência. Saber de Experiência.

1. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: deborafeitosa@ufrb.edu.br.

Popular education as experience-based knowledge

Débora Alves Feitosa*

Abstract

Drawing on research conducted at a solid waste separation unit in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, describing the daily routine at a separation facility and identifying the knowledge produced in the work relationships and the coexistence among workers, this study presents a discussion about popular education as far as experience-based knowledge is concerned. The investigation was developed through a qualitative approach, presenting a description of the location and the facts noted, using the daily routine as the social fabric in which a way of reacting deeply rooted in common sense and based on the occurrences affecting the subjects were identified, thereby systemizing experience-based knowledge, a practice identified as popular education.

Keywords

Popular Education. Daily Routine. Experience. Experience-Based Knowledge.

* PhD in Education, Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil; assistant professor at Federal University of Recôncavo da Bahia, Brazil. E-mail: deborafeitosa@ufrb.edu.br.

Introdução

A discussão que será desenvolvida ocorre em torno da compreensão da educação popular enquanto saber de experiência e teve sua origem em pesquisa de doutorado, cujo objetivo principal foi descrever o cotidiano de uma unidade de separação de resíduos sólidos, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, identificando as ações e relações sociais como atitudes de cuidado com o Ser e com o ambiente. Outra preocupação foi pensar o Galpão Rubem Berta, lócus da investigação, como um espaço mediador de aprendizagem e construção de saberes sistematizados na convivência, nas relações de trabalho e nas ações do coletivo, saberes esses caracterizados como educação popular.

A investigação teve como base o método fenomenológico, por possibilitar uma compreensão das relações humanas, de forma plural e em diferentes perspectivas. Tomando-se essa abordagem metodológica, fez-se uma descrição do local, das ações dos sujeitos, dos fatos ocorridos, destacando-se a tessitura do cotidiano constituído pelas pessoas que nele operavam as trocas, a convivência, os conflitos. Enquanto método, a descrição foi utilizada na perspectiva defendida por Maffesoli (1998), a qual não se propõe fazer uma categorização, conceituação, explicação ou delimitação de juízo, nem atribuir um sentido definitivo às coisas e às pessoas. Ela se propõe, sobretudo, a abrir horizontes de compreensão dos fenômenos investigados.

A descrição é um recurso metodológico que se presta a uma “mostração do dado societal”, ou seja, mostrar sem uma explicação *a priori* ou mostrar a vida social como ela é, pois,

o próprio da descrição é, justamente, o respeito pelo dado mundano. Ela se contenta em ser acariciante, em mais acompanhar do que subjugar uma realidade complexa e aberta. (MAFFESOLI, 1998, p. 116).

A descrição, conforme pensa o autor, é propícia para trazer à tona o dado social sem a fragmentação e a distinção orientadas pela modernidade, que busca a eficácia da explicação dos fenômenos. Esta postura epistemológica favorece uma compreensão da polissemia presente na realidade social sem que haja um sentido estabelecido a priori, mas em que se perceba a pluralidade de situações pontuais, que variam de um lugar ou de um grupo social para outro, sendo a descrição, segundo Maffesoli (1998, p. 123), “uma boa maneira de perceber, em profundidade, aquilo que constitui a especificidade de um grupo social”.

A fenomenologia, por sua vez, se apoia

nos dados da existência concreta, nas coisas que aparecem no campo da nossa experiência. [...] A Fenomenologia não explica os acontecimentos de fora, como o cartesianismo, mas tenta compreendê-los a partir de dentro, mesmo que nunca chegue a ter “ideias claras e distintas”. (GEBARA, 2000, p. 43).

As informações foram coletadas através de observações sistemáticas realizadas durante um ano, com registro em diário de campo, ouvindo conversas casuais, capturando olhares e barulhos diversos que demarcam um galpão de separação de resíduos, sentindo os cheiros do lixo recolhido, vendo a poeira passeando pelo ar, o que tornava aquele ambiente de trabalho insalubre.

A observação agregou subsídios para as entrevistas realizadas de forma semiestruturada, que, por sua vez, operaram como importante instrumento para esclarecer os fatos observados, compreender melhor a dinâmica das relações e registrar o discurso dos sujeitos, seus entendimentos e pontos de vistas sobre o tema em análise. Por meio desses recursos, pôde-se

identificar o que, neste texto, denominamos “saber de experiência”, capturando nas falas dos entrevistados saberes construídos a partir de suas vivências: a explicitação de um saber ambiental, por exemplo, apreendido a partir do trabalho realizado e disseminado pelas recicladoras para os visitantes e curiosos, que buscavam informação sobre a atividade desenvolvida por elas.

Para a coleta dos dados, na forma de entrevista semiestruturada, foram escolhidas oito pessoas, entre lideranças, membros da diretoria da Associação Ecológica Rubem Berta (gestora do Galpão) e separadores². As visitas periódicas ao local por um período considerável nos permitiram acompanhar diferentes fases do Galpão, presenciando os momentos de crise, provocados pela baixa remuneração, à troca de diretores da Associação, festas e confraternizações de final de ano.

As características do grupo pesquisado se aproximam da descrição dos novos movimentos sociais feita por Brandão (2002, p. 267):

Alguns dentre os “novos movimentos sociais” pensam o amanhã como o agora e praticam uma política de direitos do cotidiano. As reivindicações são, em muitos casos, relativas a exigências e cobranças imediatas, em nome de soluções justas a problemas solúveis, desde que haja vontade política.

O grupo de recicladoras, que reúne os sujeitos da investigação, tem características particulares, até mesmo com relação aos movimentos ecológicos, que, para muitos autores (BRANDÃO, 2002; CARVALHO, 2001; MARTINEZ ALIER, 1998), são considerados como novos movimentos sociais. Pode-se relacionar o grupo investigado ao que Martinez Alier (1998, p. 37) denominou como “movimento ecológico dos pobres”, por suas lutas ocorrerem pela sobrevivência; um movimento ecológico

que tem como objetivo preservar a natureza porque a tem como fonte de atendimento de suas necessidades ecológicas para a vida: energia, água e ar limpos, espaços para morar.

Para Martinez Alier (1998), existe uma diferença entre este ecologismo, que sempre existiu como prática de defesa da sobrevivência, desenvolvida pela população pobre no mundo, e o “ecologismo de abundância”, oriundo dos países ricos e consumidores preocupados em recuperar o ambiente por eles degradado como modo de garantir sua qualidade de vida. É necessário demarcar a diferença do grupo estudado no que diz respeito às suas características com relação ao movimento social clássico e mesmo aos movimentos ecológicos ou ambientalistas.

No que diz respeito ao interesse principal da pesquisa, para além de uma classificação ou catalogação, capturamos, no grupo investigado, uma prática de relação humana e de produção de saberes identificada enquanto educação popular, por compreender que esta

Não é tanto uma teoria ou um método de trabalho pedagógico atrelado a uma tendência ideológica única a respeito da pessoa humana, da sociedade e da educação. Ela é o imaginário e a vocação múltipla de uma ou de algumas vocações de escolhas. Escolhas de sujeitos, de modos de interação, de sentidos e de significados dados a destinos humanos através do saber. Escolhas que, uma vez estabelecidas, podem ser pensadas por mais de uma teoria e podem ser realizadas por meio de mais de um único método. (BRANDÃO, 2002, p. 41).

Identificamos neste trabalho a educação popular não somente nas características do grupo investigado, mas principalmente na natureza do saber por ele sistematizado, nos objetivos comuns que levaram aquele grupo a conformar-se como tal, nos vínculos que

2. Considerando a maioria de mulheres na atividade de separação de resíduos e na realização da pesquisa, neste artigo, utilizaremos o gênero feminino nos referindo às recicladoras.

se produziram e também na natureza do olhar e da interlocução estabelecida com aquelas pessoas para que pudéssemos melhor compreendê-las e, portanto, tentar apresentá-las como são, conforme orientam os estudos fenomenológicos. Procuramos sempre nos aproximar da dinâmica que atravessava o grupo de recicladoras com a intenção de compreendê-las na sua complexidade, tecida pelas contradições, tensões e ambiguidades que enriquecem um cotidiano que não se resume a um olhar classificatório e explicativo, mas denso e dinâmico, como descreveremos a seguir.

O trágico cotidiano do galpão de separação de resíduos: descrevendo o cenário da pesquisa

A crise ambiental foi gerada, principalmente, por um modelo de produção baseado no uso de recursos tecnológicos e na exploração exaustiva da natureza, que, em longo prazo, provoca o esgotamento da matéria prima natural e a degradação da qualidade de vida. A concentração de renda e a diminuição dos postos de trabalho provocaram também o aproveitamento de resíduos sólidos como uma estratégia importante na adoção de um modo diferente de produção. O novo modelo utiliza o reaproveitamento e busca o manejo adequado dos materiais e que representa, também, um campo de geração de emprego e renda para os desempregados, sem possibilidades de acesso ao mercado de trabalho formal.

O número de municípios brasileiros que oferecem o sistema de coleta seletiva como um serviço público³ aumentou na última década, mas ainda é pequeno considerando as

dimensões geográficas do país. Em contrapartida, estima-se que mais de 500 mil pessoas tenham a catação de resíduos sólidos como fonte de renda, destinando o material coletado para venda no mercado de reciclagem. A atividade é considerada como precária por não haver regularização e fiscalização. Realizada de modo informal, oferece risco à saúde dos catadores, que percebem baixa remuneração, não recebem proteção legal e, via de regra, não têm direitos trabalhistas integralmente atendidos. Outra característica da atividade de separação de resíduos para reciclagem é o uso em larga escala de mão de obra feminina⁴.

O Galpão⁵ de separação de resíduos sólidos é um local que, à primeira vista, pode provocar repulsa, provavelmente em decorrência da imagem que construímos do lixo em nosso imaginário, como sendo algo ligado ao sujo e sem nenhuma utilidade. O lixo reutilizável pode ser limpo e inodoro desde que nós, consumidores, nos sintamos comprometidos com a forma correta de descarte. Em nosso imaginário, o trabalho com lixo desqualifica a pessoa, pois a sujeira representa a desordem, no sentido de alguma coisa que está fora do lugar. Para o imaginário higienista, que usa a limpeza como forma de controle, quem lida com a sujeira pode ser com ela comparada (BAUMAN, 1998). As recicladoras estabeleciam outra relação com o lixo: o Galpão era local de trabalho. Cada uma tinha seu espaço de separação no cesto em que se acumulava o material, e cada uma zelava pelo ambiente, mantendo-o limpo e organizado. No Galpão, circulam cheiros diversos; barulho do material atirado no cesto, nos silos, nos tonéis; latas caindo em cascata; vidro sendo quebrado; alumínio prensado, formando uma sinfonia

3. Dos 5.565 municípios brasileiros, 994 oferecem algum programa de coleta seletiva. Em 50,8% dos municípios brasileiros, os resíduos sólidos têm os lixões como destino final; 74% dos municípios depositam lixo hospitalar a céu aberto, destes, 57% separam os dejetos nos hospitais (IBGE, 2008).

4. Estudos preliminares do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apontam que cerca de 50% dos catadores são do sexo feminino, nos estados do sul e do sudeste (IPEA, 2013).

5. A pesquisa foi realizada no Galpão de triagem da Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta, localizado na zona norte da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

nada agradável aos ouvidos.

O material separado nas unidades de triagem é resultado da coleta seletiva realizada na cidade e destinada aos galpões, onde é, posteriormente, despejado no silo, uma área do galpão separada por tela. Junto à tela ficam as mesas de triagem do material, que é colocado separadamente em grandes tonéis segundo o tipo de resíduo: vidro, tetra pak, plásticos, alumínio etc. O material separado é levado para outro espaço do galpão onde é, finalmente, prensado e enfardado, ficando pronto para a comercialização. A triagem é realizada pelas mulheres; os homens trabalham na prensa e enfardamento do produto separado. A divisão social do trabalho é realizada de acordo com o que, no senso comum, se compreende que seja atividade masculina e atividade feminina: os homens realizam atividades que exigem força física; as mulheres realizam o trabalho que exige habilidade, paciência – como a separação do material. Essa divisão não é fixa, sendo alterada conforme a necessidade. Por exemplo, observamos que quando não havia muito material para prensar, os homens eram deslocados para outras atividades e quando havia muito material na prensa e era importante completar a carga para venda, as mulheres eram deslocadas para prensar e enfardar o material. Por outro lado, a gestão das relações de trabalho, que exige diplomacia e compreensão para administrar a Associação – cuidando da relação entre o grupo, distribuindo tarefas e buscando soluções para os problemas surgidos entre os trabalhadores – era realizada pelas mulheres, que representavam a maioria na diretoria da Associação.

A posição de trabalho é incômoda, em pé durante sete, oito horas diante do cesto, em frente a imagem diária de uma montanha de lixo. Trata-se de uma imagem desagradável, monótona, que é quebrada quando um saco,

atirado no cesto por alguém que não se atenta para quem está do outro lado do muro, se rompe, espalhando detritos pelo ar. As doenças respiratórias são comuns nesse tipo de trabalho, assim como doenças de pele, causadas pelo contato diário com o material nem sempre depositado adequadamente pela população ao descartar seu lixo. A remuneração gerava tensão no grupo, pois o valor era sempre aquém do necessário para a sobrevivência do grupo familiar que dependia daquela renda⁶. No período da pesquisa, o valor recebido por cada trabalhadora era definido pela produtividade do conjunto das recicladoras. Não se ganhava pela produção individual, o que gerava insatisfação em algumas trabalhadoras. Cada recicladora recebia uma cesta básica, descontada na remuneração final do mês. O uso do vale, como forma de adiantamento salarial, era constante, comprometendo ainda mais a renda mensal. Contudo, esse procedimento era considerado uma vantagem por elas, pois representava um recurso disponível para resolver as emergências do cotidiano, como doença dos filhos.

Embora a questão econômica fosse o foco principal de tensão entre o grupo, era, ao mesmo tempo, um elo de aglutinação entre elas, pois sempre que necessário havia um esforço coletivo no sentido de partilhar entre si o que era arrecadado com as vendas. Não se punia quem produzia menos em função de um problema pessoal, não se abandonava quem ficava longe do galpão por motivo de saúde, prevalecendo uma relação de solidariedade. Outro fator contabilizado como ganho pelas recicladoras era a possibilidade de trabalhar, considerando que não tinham formação para inserção no mercado de trabalho formal, ter uma jornada de trabalho flexível, ter vaga na creche do bairro, frequentar as atividades de escolarização oferecidas no próprio

6. A renda das recicladoras no momento da pesquisa era em torno de R\$200,00 a R\$300,00 reais mensais, atualmente a renda percebida pelos trabalhadores que atuam na reciclagem, está entre R\$420,00 e R\$520,00, segundo dados preliminares do IPEA (2013).

galpão⁷, trabalhar próximo de sua residência, conciliando vida familiar e profissional.

Ao olhar/descrever o cotidiano do galpão de separação de resíduos sólidos, não tivemos a intenção de classificar, higienizar ou doutrinar aquelas pessoas e suas posições, mas identificar em suas ações diárias atitudes de cuidado com o outro e isto é o que nos levou escolher Michel Maffesoli (2003) como referência. Esse autor defende que o cotidiano é formado por ocorrências banais, efervescência, tédio, monotonia e aventuras vividas pelo coletivo, sem fazer uma análise crítica, nem prescritiva dos dados mundanos. Em sua abordagem sobre o cotidiano, Maffesoli desenvolve críticas ao modo totalizante e racionalizante empreendido na modernidade e defende um modo plural de compreensão dos dados tal como estes se apresentam, de valorização da vida em comunidade. Há outras abordagens no campo dos estudos do cotidiano que analisam esse espaço social de forma crítica, considerando os aspectos sociais e históricos estruturantes, sua dimensão técnica, imediatista e alienante, dialetizando a práxis cotidiana a partir de um referencial metodológico crítico (TEDESCO, 1999).

Maffesoli, a partir de uma abordagem fenomenológico-compreensiva, critica as abordagens sociológicas que reduzem o mundo social ao mundo da produção e da técnica e à racionalidade exacerbada para leitura dos fenômenos sociais. Tendo Maffesoli como interlocutor para compreender o universo investigado, o cotidiano foi apresentado numa perspectiva positiva, no qual se tecem as relações sociais, através da troca, da solidariedade, das

tensões e disputas. Um jogo de ambivalência desenvolvido pelo grupo como uma forma de afrontar as tragédias vivenciais, para as quais não se espera uma solução, porque se vive o agora, o instante em toda sua intensidade. Uma forma de viver que Nietzsche (2002) definiu como “amor fati”⁸, significando aceitar o que deve ser vivido, amar e viver com intensidade o que ainda não pode ser modificado. Para Maffesoli (2003), isso não significa resignação, nem mesmo alienação, mas uma forma de viver intensamente a tragédia, sem esperar por um futuro ou apostar em um dever, como um projeto de vida ordenado, pensado pela modernidade.

A perspectiva que tomamos foi a de um cotidiano constituído a partir da conjunção de minúsculos acontecimentos, de múltiplas situações, dos cruzamentos diversos entre os fatos que marcam a vida social e subjetiva de um grupo, das contradições e pluralidades que perpassam as ações coletivas. Foi numa perspectiva dialógica, de compreensão da trama social a partir de várias lógicas, tecida por fios e matizes diversos, possibilitando uma organicidade e um equilíbrio que relativiza a tragédia cotidiana. Um querer viver, como uma espécie de conservatório energético da vida social que proporciona a exaltação da vida, uma valorização do laço social, fundado na “mística do estar-junto” (MAFFESOLI, 1998, p. 174), na dimensão comunitária da vida social, que conforta e fortalece o vínculo de pertencimento que se evidenciava no grupo de recicladoras e que compreendemos enquanto atitude de cuidado, materializado na solidariedade, cara para elas, e na autonomia que instituíram no ambiente e nas relações de trabalho. Foram

7. As recicladoras tinham garantida vaga para os filhos em tempo integral na creche mantida pelo Centro Social Marista que também oferecia cursos para os adolescentes. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio da Faculdade de Educação, oferecia atividade escolar para as recicladoras em horário de trabalho nas dependências do galpão. Além da escolarização, dava-se orientação para aquisição dos documentos pessoais necessários para acessarem alguns direitos e benefícios sociais, como o Bolsa Família, por exemplo.

8. Para Nietzsche, “amor fati” significa não evitar, não se conformar e menos ainda dissimular o seu destino, mas afirmá-lo, amar o que não pode ser mudado, mesmo sendo trágico e imprevisível e, por isso mesmo, potencialmente plural.

esses aspectos que nos levaram a pensar sobre as práticas observadas no grupo investigado como saberes de experiência e uma prática de educação popular, conforme discutiremos a seguir.

Práticas, saberes populares e saberes de experiência

Em todos os seus “tempos”⁹, a educação popular esteve preocupada em fazer uma crítica à educação vigente, buscando instituir outros processos educativos onde os “sujeitos das classes populares não fossem compreendidos como beneficiários tardios de um serviço, mas como protagonistas emergentes de um processo” (BRANDÃO, 2002, p. 142). Nessa perspectiva, apreendemos a educação popular como um “saber de experiência” constituído e praticado por grupos populares em seu cotidiano. Saber este que abrange a subjetividade do sujeito, traduzida em uma forma de como ele se relaciona e convive com o outro e com o mundo. Jorge Larrosa nos apresenta uma compreensão significativa sobre o saber de experiência:

O saber de experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como

configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (LARROSA, 2002, p. 27).

Identificamos como educação popular os acontecimentos que atravessam o cotidiano do grupo de separadoras, em que nos foi possível observar as trocas de experiência e de afeto que se estabelecem na convivência. Naquele espaço, aprendia-se tanto sobre o trabalho quanto sobre relações convivenciais, e se constituía um “ethos” social que caracterizava o grupo. Compreendemos que esse modo de aprender e de saber se diferencia de uma educação vista como ilustração, que ensina por assimilação de uma informação externa como sugere Unger (2001) e, às vezes, um pouco distanciada do universo daqueles que a recebem. No caso do grupo de recicladoras, existia uma resistência em relação aos grupos que frequentemente se ofereciam para ensiná-las alguma coisa¹⁰.

Compreende-se que o fenômeno identificado como educação popular se aproxima do entendimento ampliado de educação, onde a formação transcende a apreensão de conhecimentos, e antes de tudo se apresenta enquanto um processo de humanização e de formação do sujeito em suas várias dimensões.

9. Brandão (2002) identifica cinco momentos na história da educação brasileira que contribuem para a constituição da identidade da educação popular: 1) a criação das escolas anarquistas no final do século XIX, início do XX; 2) os movimentos por escolas públicas gratuitas e laicas, na década de 1920; 3) a década de 1960, que foi marcada pelo surgimento de Paulo Freire e dos círculos populares de cultura, fatos que proporcionaram a sistematização de um ideário e de experiências do que hoje conhecemos por educação popular; 4) com a abertura política e redemocratização a partir de 1980, essas ações ganharam força dando uma dimensão latino-americana à educação popular, aglomerando pessoas e ideias em várias partes do mundo; 5) o último momento está vinculado às chamadas administrações populares e democráticas, na última década do século passado, que incluíram o ideário e as práticas da educação popular no corpo das políticas públicas de educação.

10. Durante a pesquisa tivemos oportunidade de acompanhar o trabalho de um grupo de estudantes de uma universidade local que se propunha a desenvolver oficinas de reaproveitamento de pneus para confecção de vasos, sandálias, lixeiras etc. Dez pessoas se inscreveram para a oficina; somente quatro compareceram ao encontro. A oficina terminou com uma única recicladora, a evasão foi a forma de resistência à relação que os estudantes estabeleceram com as recicladoras. Algumas tentativas de inserção de pesquisadores e estudantes em atividades de extensão não tiveram sucesso, em função da relação estabelecida entre colaboradores e recicladores.

Tomando essa perspectiva, a educação popular, no espaço e para o grupo investigado, se constituía e se revelava enquanto atitude de relação com o outro, que comporta o afeto, no sentido mesmo do ato que toca o outro; a tensão que provocava tanto a manifestação de proximidade quanto a indiferença de alguns; que despertava a solidariedade de uns e a resistência de outros. Enfim, a sabedoria, revelada na convivência naquele universo caracterizado por aspectos diversos e dispares, foi compreendida enquanto interface da educação popular. O malabarismo exercido por algumas lideranças no grupo revelava um conhecimento da natureza humana, uma sabedoria para lidar com os conflitos, relativizando as tensões que atravessavam permanentemente o grupo, preservando os laços que as mantinham juntas, favorecendo a sustentação daquela trama social.

Identificamos como interface da educação popular no cotidiano do galpão um “saber de experiência”, sendo este entendido como o saber

que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer que nos acontece. (LARROSA, 2002, p. 27).

Na condição de observadores, causava-nos admiração a forma como aquelas pessoas jogavam com os fatos cotidianos, como os acontecimentos as tocavam sem as dominar, sem as fazer esmorecer, desistir... Fatos dramáticos, como as doenças, a baixa renda que limita as condições de sobrevivência, a violência, que, não raro, quebrava a tranquilidade de alguma família que trabalhava no galpão, as tristezas produzidas pelos acontecimentos que fazem a tragédia cotidiana e que poderiam torná-las ranzinzas, cabisbaixas, desanimadas e sisudas.

Chamava-nos atenção ver essas pessoas transformarem as tragédias pessoais em anedotas, produzindo uma espécie de catarse que não vem através de lágrimas, mas do riso,

do escárnio. Tal atitude não foi entendida como descaso com o que lhes acontece, mas como uma forma de saber lidar com a realidade e de como se dispor para a realidade vivida:

O saber de experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber dela derivado são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida. (LARROSA, 2002, p. 27).

Este é um saber orgânico (MAFFESOLI, 1998), que germina na experiência das relações sociais, atravessada pelas polaridades que caracterizam as interlocuções humanas. Um saber enraizado no senso comum, que não tem a pretensão de normatizar ou pôr em julgamento, preferindo acompanhar os movimentos do corpo social, aprendendo e constituindo-se nele. Os saberes e as práticas sociais identificadas como educação popular na investigação em tela têm fundamento em um pensamento sensível, em que a monovalência da razão dá lugar à coerência complexa e precária dos fenômenos sociais; em que o discurso pode ter como substrato a experiência, o vivido.

Maffesoli (2003) faz uma aproximação entre o pensamento sensível e a figura estética de Dionísio, como uma forma análoga de representar a multiplicidade de práticas sociais e emoções vividas em comum, e que pode aproximar-se de um entendimento de educação popular:

Como um saber dionisíaco que reconhece essa ambivalência emocional, descreve seus contornos, participando, assim, de uma hermenêutica social que desperta em cada um de nós o sentido que ficou sedimentado na memória coletiva. [...] É assim, igualmente, que opera o mundo poético do conhecimento: fazer sobressair aquilo que é, já, aqui, e dar-lhe um estatuto epistemológico. (MAFFESOLI, 2003, p. 193).

O que orientou nossa reflexão foram as atitudes espontâneas observadas ao longo da pesquisa. Dentre as atividades programadas pelo grupo, nas quais procuramos identificar os saberes por elas operados, estava a visita guiada, em que uma ou mais recicladoras era escolhida para apresentar o galpão, explicando as etapas do processo de separação. Esta não era uma atividade esporádica ou acidental, era previamente agendada pelos interessados à direção do galpão, que escolhia a pessoa mais adequada para acompanhar o grupo.

Além da visita guiada, as recicladoras realizavam, semestralmente, palestras nas escolas do bairro para dar esclarecimento sobre a atividade que desenvolviam e fortalecer a parceria entre as escolas e o galpão, ação importante para orientar a separação dos resíduos sólidos domésticos. Nessas atividades, as mulheres esclareciam sobre a execução do seu trabalho no galpão, a vida útil dos objetos separados e os danos ao meio ambiente caso não fossem manejados corretamente ou reaproveitados. A classificação técnica era outra informação oferecida nas escolas e aos visitantes, visando esclarecer e demonstrar o que podia ser reaproveitado e separado pelo usuário em sua residência. As crianças eram multiplicadoras em suas famílias, por isso mesmo a parceria com as escolas era prioridade para a diretoria do galpão.

As visitas nas escolas e creches do bairro tornaram-se sistemáticas com a assunção de uma liderança feminina na direção do galpão. Esta iniciativa tinha como preocupação, além de informar e incentivar a comunidade a separar seus resíduos domésticos, superar o preconceito existente em relação ao trabalho que as recicladoras realizavam.

Eu fui ao Cesmar¹¹ falar sobre coleta seletiva para as crianças. Eu comecei perguntando

quem me conhecia e somente uma criança levantou o braço. Aí eu comecei a chamar as crianças pelo nome, que são filhos e filhas de minhas colegas, e falei: vocês não me conhecem? Por que vocês têm vergonha de falar que a mãe de vocês trabalha ali no galpão? Isso não é uma coisa feia! Feio, é a mãe não ter o que dar para os filhos comer. Daí as crianças vieram, me abraçaram e me chamaram de tia Mariza, como fazem quando me encontram na rua ou vão ao galpão. (MARIZA¹², 2015).

As mulheres que ingressavam na atividade de separação trabalhavam sempre em parceria com uma colega veterana, que repassava as instruções sobre os materiais que deviam ser separados. Os conhecimentos adicionais eram adquiridos na medida em que iam conhecendo melhor o trabalho, a partir da observação, das informações ouvidas das colegas mais experientes e dos discursos propagados pela mídia que visitava o galpão em busca de notícias, e as perguntas formuladas pelos jornalistas acabavam informando e formando opinião nas recicladoras.

Foi este saber sensível que compreendemos como interface da educação popular, e que fica visível na fala desta entrevistada, como uma representação do saber de experiência:

Eu me criei escrevendo em papel de pão, porque nós não tínhamos caderno, sabes aquelas folhas de papel de pão? Eu escrevia ali e hoje eu digo para as gurias: gurias, eu aprendi muito com vocês aqui dentro. Eu aprendi a dar mais valor às coisas, eu aprendi a valorizar aqueles que estão ao meu lado e que muitas vezes eu não valorizava. Porque eu trabalhava fora e achava assim, 'ah, eu tenho o que eu preciso, porque vou me preocupar com os outros'? Eu aprendi a dividir, eu aprendi a entender as pessoas. Se eu tenho um pão e o outro do meu lado não tem, eu reparto. Eu aprendi muito, eu aprendi a ser humilde. (MARIZA, 2015).

11. Centro Escolar Marista, mantido no bairro pela congregação religiosa Irmãos Marista, que oferecia atividades escolares e de lazer aos moradores do bairro.

12. A entrevistada optou ser identificada com seu nome como uma forma de autoafirmação de sua identidade como trabalhadora de uma unidade de separação de resíduos sólidos.

É essa sabedoria que a entrevistada utilizava como princípio para gerir o trabalho com suas companheiras. Saberes constituídos na relação coletiva, sem os quais ela aprendeu que seria difícil manter a convivência naquele grupo. Compreender as colegas era regra básica para manter o grupo, ouvir sempre o que o outro tem a dizer sem julgamento prévio era outro princípio que aquela liderança utilizava para administrar aquele espaço. Os saberes, como ela mesma declarou, foram constituídos na vida em comunidade, dando ao galpão uma dimensão de criação e produção dos processos de convivência humana inerente aos espaços institucionais. As habilidades administrativas, a participação em atividades públicas, a capacidade de negociação com os órgãos públicos e com os comerciantes foram constituídas na prática. Foi observando as gestões anteriores do galpão que a entrevistada instituiu uma forma de gestão fundada no cuidado, no afeto, no respeito pelas colegas. Lendo a reação das companheiras de trabalho a uma administração praticada com autoritarismo, compreendeu que a escuta produziria um resultado melhor.

Compreendemos que, naquele espaço de convivência, a educação popular incluiu a dimensão da subjetividade humana enquanto um aspecto que agrega e corrobora para a constituição de um saber popular que se sedimenta a partir da inter-relação entre as pessoas, a partir do senso comum e dos eventos vividos em comunidade. Os saberes práticos, relacionados à atividade que desempenham as recicladoras, são também constituídos na relação com os outros e é valorizado e reconhecido por elas:

Eu aprendi tudo aqui. No tempo em que eu frequentei a escola, o lixo ainda não era um problema, nem era reciclado, era tudo enterrado. Eu aprendi tudo aqui. É importante o trabalho que nós fazemos porque com isso estamos evitando o desmatamento, evitando a sujeira, a contaminação da terra,

da água e tudo isso é importante. E antes de vir trabalhar aqui eu não tinha esta noção. Eu aprendi bastante aqui; a gente sempre está aprendendo alguma coisa, não é? (MARGARIDA DO CAMPO, 2015).

Esse saber orgânico se sedimentava em microscópicas práticas cotidianas e constituía a identificação daquele grupo, como, por exemplo, ter consciência que o trabalho de separação era uma prática ambiental importante, que lhes agregava valor e os diferenciava de outros grupos, e era “espertamente” invocado por algumas quando se ressentiam do tratamento recebido pela sociedade. Estabeleciam uma diferença positiva entre os que produziam o lixo e elas, que separavam e reaproveitavam o lixo.

Embora soubessem que a defesa do meio ambiente interessa a muitos outros segmentos, aquele grupo não se filiava a outros coletivos, nem mesmo a outros grupos ligados ao movimento organizado dos catadores. Diante disso, entendemos que a educação popular identificada no grupo investigado se diferencia de um tipo de ação voltado para um projeto político-social amplo, característica comum da educação popular. As ações praticadas pelas recicladoras participantes da investigação – e que identificamos como educação popular – não estavam subordinadas a um projeto de longo prazo com objetivo de solucionar problemas de ordem política no sentido clássico, que mobiliza a maioria dos movimentos populares. Ao contrário, aquele grupo estava voltado para seus problemas mais imediatos de sobrevivência através da geração de renda.

Para concluir, reiteramos que, ao realizar esta investigação, não pretendíamos ordenar ou higienizar o galpão, local de trabalho das recicladoras. Propusemo-nos mirar aquele espaço com admiração e estranhamento para mostrar o que não tem “importância”. Assim, nos foi possível ver que, entre tantos eventos, estava a capacidade daquelas pessoas constituírem, entre amontoados de objetos descartáveis,

atitudes de afeição, amorosidade, cuidado com o outro. Saber jogar com a tristeza, a tensão, os problemas diversos que atravessam a vida cotidiana, onde quer que esta se dê; retirar o riso da tragédia diária é, sem dúvida, uma sabedoria que caracterizava o grupo investigado. Lançar um olhar cômico à dor é uma forma

de enfrentá-la sem deixar-se subsumir nela.

O que se identificou como saber de experiência e educação popular é nada mais do que o saber do senso comum, tecido diariamente nas relações efêmeras, nas tensões e embates diários, se equilibrando na alegria trágica da vida cotidiana.

Referências

BRANDÃO, C. R. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CARVALHO, I. C. de M. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

GEBARA, I. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia do mal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico**. 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/pnsb2008/>>. Acesso em: 21 out. 2014.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável**. 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaoosocial_mat_reciclavel_brasil.pdf>. Acesso em: 21 out. 2014.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

MARTINEZ ALIER, J. **Da economia ecológica ao ecologismo popular**. Blumenau: Editora da FURB, 1998.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

TEDESCO, J. C. **Paradigmas do cotidiano**: introdução à constituição de um campo de análise social. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

UNGER, N. M. **Da foz à nascente**: o recado do rio. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

Submetido em 4 de setembro de 2015.

Aprovado em 3 de novembro de 2015.